

Chamo-me Amber Reynolds. Há três coisas
que devem saber sobre mim:

1. Estou em coma.
2. O meu marido já não me ama.
3. Às vezes minto.

AGORA

Boxing Day, dezembro de 2016

Sempre me fascinou a queda livre entre o sono e a vigília. Aqueles preciosos segundos de semiconsciência antes de abrir os olhos, quando damos por nós convencidos de que os sonhos podem ser realidade. Um momento de prazer ou de dor intensa, antes de os sentidos se reajustarem e nos dizerem quem somos e onde estamos. Por enquanto, durante apenas mais um segundo, desfruto de uma ilusão induzida por automedicação que me permite imaginar que poderia ser qualquer pessoa, poderia estar em qualquer lugar, poderia ser amada.

Sinto a luz atrás das pálpebras e a minha atenção recai sobre o anel de platina no meu dedo. Parece mais pesado do que antes, como se me puxasse para baixo. Um lençol cobre-me o corpo, tem um cheiro estranho e pergunto-me se estarei num hotel. Qualquer memória do que sonhei evapora-se. Procuo agarrar-me, tento ser alguém que não sou e ficar num lugar que não é este, mas não consigo. Sou sempre apenas eu, e estou aqui, onde já sei que não quero estar. Tenho dores nos membros e estou tão cansada que não quero abrir os olhos – até me lembrar de que não posso.

O pânico espalha-se em mim como uma rajada de ar gelado. Não consigo lembrar-me de onde estou nem de como aqui cheguei, mas sei quem sou: *chamo-me Amber Reynolds, tenho trinta e cinco anos, sou casada com o Paul*. Repito estas três coisas na minha cabeça, agarro-me a elas com toda a força, como se pudessem salvar-me, mas percebo que uma parte

da minha história se perdeu, como se as últimas páginas tivessem sido arrancadas. Quando as minhas memórias se tornam suficientemente claras para que eu consiga suportá-las, enterro-as, forçando-as a permanecer imóveis dentro de mim, até conseguir pensar, sentir e tentar compreender. Mas há uma que insiste em subir à superfície, apesar de eu não querer acreditar nela.

O ruído monótono de uma máquina infiltra-se na minha consciência, despedaçando os últimos vestígios de esperança e deixando-me com a amarga certeza de que estou num hospital. O cheiro esterilizado do lugar provoca-me vômitos. Odeio hospitais. São o lar da morte e dos arrependimentos fora de tempo, nunca um lugar que eu escolheria para visitar, muito menos para ficar.

Antes, houve aqui pessoas, estranhos, lembro-me disso agora. Disseram uma palavra que preferi não ouvir. Recordo um grande alvoroço, vozes exaltadas e medo, não só o meu. Esforço-me por me lembrar de mais qualquer coisa, mas a memória falha-me. Algo terrível aconteceu, mas não consigo recordar o quê, nem quando.

Porque é que ele não está aqui?

Perguntar pode ser perigoso quando já sabemos a resposta.

Ele não me ama.

Marco mentalmente esse pensamento.

Ouço uma porta a abrir-se. Passos, depois o regresso do silêncio, mas já não é o mesmo, perdeu a pureza. Sinto o cheiro a fumo de cigarro apagado, o som de uma caneta a riscar papel à minha direita. Alguém tosse à minha esquerda e percebo que são duas pessoas. Estranhos na escuridão. Sinto-me mais fria do que antes e tão terrivelmente pequena. Nunca senti um terror como este.

Gostava que alguém dissesse alguma coisa.

— Quem é ela? — pergunta a voz de uma mulher.

— Não faço ideia. Pobre coitada, como ela está — responde outra mulher.

Gostava que não tivessem dito nada. Começo a gritar:

Sou a Amber Reynolds! Sou apresentadora de rádio! Porque é que não sabem quem sou?

Repito as mesmas frases vezes sem conta, mas ignoram-me porque, por fora, estou em silêncio. Por fora, não sou ninguém, nem sequer tenho nome. Quero ver a pessoa que elas viram. Quero sentar-me, estender a mão e tocá-las. Quero sentir qualquer coisa de diferente. O que for. Quem quer que seja. Quero fazer mil perguntas. Acho que quero saber as respostas. Usaram outra vez aquela palavra, a de antes, a que não quero ouvir.

As mulheres saem, fecham a porta atrás de si, mas a palavra fica. Agora, estamos sozinhas, eu e ela, e já não sou capaz de a ignorar. Não consigo abrir os olhos. Não consigo mexer-me. Não consigo falar. A palavra emerge à superfície, estala, e tenho a certeza de que é verdade...

Coma.

ANTES

Semana anterior, 19 de dezembro de 2016

Desço as escadas em bicos de pés, ainda envolta na escuridão da madrugada, com cuidado para não o acordar. Tudo está onde é suposto, mas sinto que falta qualquer coisa. Visto o casaco pesado de inverno para enfrentar o frio e vou até à cozinha para começar o meu ritual. Vou para junto da porta das traseiras e rodo repetidamente a maçaneta, até ter a certeza de que está trancada:

Para cima, para baixo. Para cima, para baixo. Para cima, para baixo.

A seguir, coloco-me em frente ao fogão grande, com os braços dobrados, como se estivesse prestes a dirigir uma orquestra imponente de bicos a gás. Os meus dedos assumem a forma familiar; o indicador e o médio tocam no polegar, nas duas mãos. Murmuro baixinho para mim própria enquanto me certifico, com o olhar, de que todos os botões e mostradores estão desligados. Faço três vezes uma verificação completa, com as unhas a tilintar numa espécie de código Morse que só eu consigo decifrar. Assim que me sinto satisfeita, segura de que tudo está em ordem e segurança, avanço para sair da cozinha, mas demoro-me um instante à porta, a ponderar se este é um daqueles dias em que tenho de voltar atrás e recomeçar tudo de novo. Não é.

Atravesso o *hall*, com um soalho rangente, pego na mala e confiro o conteúdo. Telemóvel. Carteira. Chaves. Fecho-a, abro-a e verifico outra vez. Telemóvel. Carteira. Chaves. Confirmando uma terceira vez, a caminho da porta da frente. Paro um instante, surpreendida por ver a

mulher que está do outro lado do espelho a devolver-me o olhar. Talvez tenha sido bonita, mas agora mal a reconheço. Um contraste de luz e sombra. As minhas pestanas longas e negras emolduram os meus olhos grandes e verdes, umas tristes sombras instalaram-se logo abaixo deles, e as sobrancelhas espessas a marcam-lhes o arco. A minha pele é uma tela pálida esticada sobre as maçãs do meu rosto. O meu cabelo, tão castanho que parece quase preto, desce em fios direitos e malcuidados até aos ombros, por falta de melhor propósito. Passo os dedos por ele, com brusquidão, antes de o apanhar num rabo-de-cavalo, mantendo-o afastado do meu rosto com um elástico que tiro do pulso. Os meus lábios entreabrem-se como se fosse dizer qualquer coisa, mas o que me sai da boca é apenas ar. Um rosto bom para rádio devolve-me o olhar.

Lembro-me das horas e percebo que o comboio não vai esperar por mim. Não me despedi, mas duvido que isso importe. Apago a luz e saio de casa, certificando-me três vezes de que a porta está trancada, antes de descer o caminho do jardim iluminado pelo luar.

É cedo, mas já estou atrasada. A Madeline estará no escritório a esta hora, os jornais já terão sido lidos, esmiuçados à procura de histórias interessantes. Os produtores já terão desfolhado os restos de papel antes de serem instruídos, com gritos e empurrões, que devem fazer tudo para conseguir as melhores entrevistas para o programa da manhã. Os táxis estarão a caminho para apanhar e despejar convidados, excitados e despreparados. Cada manhã é diferente e, ainda assim, completamente rotineira. Entrei para a equipa do *Coffee Morning* há seis meses e as coisas não estão a correr como planeado. Muita gente diria que tenho um emprego de sonho, mas os pesadelos também são sonhos.

Paro rapidamente na entrada para comprar café para mim e para uma colega, e subo os degraus de pedra até ao quinto andar. Não gosto de elevadores. Forço um sorriso antes de entrar no escritório e relembro-me de que isto é o que faço melhor: adaptar-me às pessoas à minha volta. Sei fazer de «Amber, a amiga» ou «Amber, a mulher dedicada», mas agora é hora de fazer de «Amber, do *Coffee Morning*». Sei representar todos os papéis que a vida me atribuiu, conheço todas as falas; há muito tempo que ando a ensaiar.

O sol mal nasceu, mas, como sempre, a pequena equipa predominantemente feminina já está reunida. Três jovens produtoras, alimentadas a cafeína e ambição, curvam-se sobre as secretárias. Cercadas por pilhas de livros, guiões antigos e canecas vazias, martelam nos teclados como se a sua vida dependesse disso. No canto mais afastado, vejo o brilho do candeeiro da Madeline, que está no seu pequeno gabinete privado. Sento-me à minha secretária e ligo o computador, enquanto devolvo os sorrisos e as saudações calorosas das outras mulheres. As pessoas não são espelhos, não nos veem como nós nos vemos.

Só este ano, a Madeline já despediu três assistentes pessoais. Ninguém dura muito tempo com ela sem ser descartado. Eu não quero um gabinete privado nem preciso de uma assistente pessoal, gosto de estar sentada aqui, com toda a gente. O lugar ao meu lado está vazio. É raro a Jo não estar aqui a esta hora e fico preocupada com a possibilidade de lhe ter acontecido alguma coisa. Observo o café a mais a arrefecer e decido levá-lo ao gabinete da Madeline. Chamo a isto um gesto de paz.

Detenho-me junto à porta aberta, como um vampiro à espera de ser convidado a entrar. O seu gabinete é risível de tão pequeno, literalmente um armário reconvertido, porque ela recusa sentar-se junto do resto da equipa. Há fotografias emolduradas da Madeline com celebridades enfiadas em todos os centímetros das paredes falsas, e uma prateleira com prémios, atrás da secretária. Ela não levanta os olhos. Observo o seu cabelo curto e feio, com as raízes grisalhas a sobressaírem por baixo dos fios pretos. O seu queixo sobrepõe-se e, felizmente, o resto da sua carne enrolada fica escondida por baixo das roupas largas e escuras. A luz do candeeiro ilumina o teclado, sobre o qual pairam os dedos da Madeline, cobertos de anéis. Sei que ela consegue ver-me.

— Pensei que talvez precisasses disto — digo, dececionada com a simplicidade das minhas palavras, uma vez que demorei tanto tempo a encontrá-las.

— Deixa aí na secretária — responde ela, sem desviar os olhos do ecrã.
De nada.

Um pequeno aquecedor a óleo resmunga num canto e o calor com cheiro a queimado serpenteia pelas minhas pernas acima, detendo-me

no lugar. Dou por mim a fixar-me na verruga que ela tem no rosto. Por vezes, os meus olhos fazem isso: fixam-se nas imperfeições das pessoas, e eu esqueço-me, por momentos, de que elas percebem que estou a ver o que preferiam que eu não visse.

— O fim de semana foi bom? — arrisco.

— Ainda não estou preparada para falar com ninguém — diz ela. Deixo-a entregue a si mesma.

De volta à minha secretária, dou uma vista de olhos pela pilha de correio que se acumulou desde sexta-feira: um par de romances de aspeto lastimável que nunca irei ler, algumas cartas de fãs e um convite para uma gala de beneficência, que prende a minha atenção. Bebo um pouco de café e deixo-me levar por fantasias sobre o que poderia vestir e quem levaria comigo, caso decidisse ir. Deveria fazer mais trabalho de beneficência, mas parece que nunca há tempo. A Madeline é o rosto da Crisis Child, além de ser a voz do *Coffee Morning*. Sempre achei um pouco estranho a sua relação muito próxima com a maior instituição de apoio a crianças do país, uma vez que ela as odeia e nunca teve filhos. Nunca chegou sequer a casar. Está completamente sozinha na vida, mas nunca solitária.

Depois de organizar o correio, leio as notas preparatórias para o programa desta manhã; é sempre bom termos algum conhecimento de fundo antes de entrarmos no ar. Não consigo encontrar a minha caneta vermelha, por isso dirijo-me ao armário do material de escritório.

Está repleto.

Lanço um olhar por cima do ombro e, depois, volto a focar-me nas prateleiras bem organizadas. Agarro num punhado de *post-its* e, em seguida, pego em várias canetas vermelhas, enchendo os bolsos. Continuo a tirá-las até esvaziar a caixa e deixo lá as outras cores. Quando regresso à minha secretária, ninguém levanta o olhar, pelo que não me veem a despejar tudo na gaveta, antes de a trancar.

Mal começo a preocupar-me com a possibilidade de a minha única amiga aqui ainda não ter dado sinais de vida, a Jo entra e sorri-me. Está vestida como sempre, com calças de ganga e uma camisola branca, como se nunca tivesse saído dos anos 1990. As botas, que ela diz odiar, estão desgastadas nos calcanhares e o seu cabelo louro ainda está

húmido por causa da chuva. Senta-se à secretária, que fica ao lado da minha, de frente para as outras produtoras.

— Desculpa o atraso — sussurra. Ninguém repara, a não ser eu.

O último a chegar é o Matthew, o editor do programa. Nada fora do normal. As calças justas revelam a protuberância da barriga, com o cós ligeiramente abaixo da cintura. São um pouco curtas para as suas pernas compridas e deixam ver as meias coloridas por cima dos sapatos castanhos e brilhantes. Ele dirige-se diretamente para a sua secretária arrumada, junto à janela, sem cumprimentar ninguém. Que uma equipa de mulheres, a produzir um programa para mulheres, seja gerida por um homem, é algo que ultrapassa a minha capacidade de compreensão. Mas a verdade é que o Matthew me deu este trabalho quando a minha antecessora saiu abruptamente, por isso, talvez eu deva sentir-me grata.

— Matthew, será que podes vir ao meu gabinete agora que chegaste?
— chama a Madeline, do outro lado da sala.

— E ele a pensar que a manhã não podia piorar — murmura a Jo.
— Vamos beber um copo depois do trabalho?

Aceno com a cabeça, aliviada por ela não desaparecer logo no final do programa.

Observamos o Matthew a apanhar as notas e a apressar-se a entrar no gabinete da Madeline, com o casaco a esvoaçar dos dois lados, como se quisesse ganhar asas. Depois de alguns instantes, ele sai, com o rosto vermelho e um ar perturbado.

— É melhor irmos para o estúdio — diz a Jo, interrompendo os meus pensamentos. Parece-me um bom plano, tendo em conta que faltam apenas dez minutos para entrarmos no ar.

— Vou ver se Sua Majestade está pronta — respondo, satisfeita por ver a Jo a sorrir. Apanho o olhar do Matthew, que arqueia uma sobrancelha na minha direção. Não devia ter dito aquilo em voz alta.

À medida que o relógio se aproxima da hora certa, todos tomam os seus lugares. Eu e a Madeline dirigimo-nos para o estúdio e voltamos às nossas posições habituais, num palco central na penumbra. Somos observadas através de uma enorme janela de vidro, na proteção da galeria, como se fôssemos dois animais muito diferentes, colocados por

engano na mesma jaula. A Jo e as outras produtoras sentam-se na galeria, que é clara e ruidosa, com botões de mil cores que parecem complicadíssimos perante a simplicidade do que fazemos: falar com pessoas e fingir que gostamos. Por oposição, o estúdio é escuro e desconfortavelmente silencioso. Há apenas uma mesa, algumas cadeiras e um par de microfones. Eu e a Madeline sentamo-nos na escuridão, ignorando-nos mutuamente, à espera de que a luz que diz «no ar» fique vermelha e que comece o primeiro ato.

— Bom dia e bem-vindos à edição de segunda-feira do *Coffee Morning*, eu sou Madeline Frost. Mais tarde, no programa de hoje, teremos como convidada a autora consagrada E. B. Knight, mas, antes disso, vamos discutir o número crescente de mulheres responsáveis pelo sustento familiar e, para as chamadas telefónicas de hoje, estão convidados a participar no tema «amigos imaginários». Teve algum em criança? Talvez ainda tenha...

O som familiar da sua voz no ar acalma-me e entro em modo piloto automático, à espera da minha vez para falar. Pergunto-me se o Paul já estará acordado. Ultimamente, não parece ele próprio: fica até tarde no anexo da escrita, vem para a cama pouco antes de eu me levantar, ou nem sequer aparece. Ele gosta de chamar «cabana» ao anexo. Eu gosto de chamar às coisas aquilo que são.

Uma vez, passámos uma noite com a E. B. Knight. Foi quando o primeiro romance do Paul teve sucesso, há mais de cinco anos, pouco depois de nos termos conhecido. Na altura, eu era repórter de televisão. De notícias locais, nada de especial. Mas ver-me no ecrã obrigava-me a cuidar da aparência, ao contrário do que acontece na rádio. Nessa altura, era magra e não sabia cozinhar. Antes do Paul, não tinha ninguém para quem cozinhar e raramente me dava a esse trabalho se tivesse de o fazer apenas para mim. Além disso, estava sempre ocupada a trabalhar. Na maioria das vezes, fazia reportagens sobre buracos nas estradas ou furtos de metais em telhados de igrejas, mas, um dia, a sorte decidiu intervir. A nossa repórter de celebridades adoeceu e escolheram-me para entrevistar um novo autor de sucesso no lugar dela. Eu nem sequer tinha lido o livro. Estava de ressaca e irritada por ter de fazer o trabalho de outra pessoa, mas tudo mudou quando ele entrou na sala.

A editora do Paul tinha reservado uma suíte no Ritz para a entrevista. Fazia lembrar um palco e eu senti-me como uma atriz que não tinha decorado as falas. Lembro-me de me sentir fora da minha zona de conforto, mas, quando ele se sentou na cadeira à minha frente, percebi que estava mais nervoso do que eu. Era a sua primeira entrevista para a televisão e, de alguma forma, consegui pô-lo à vontade. Quando me pediu o cartão, a seguir, não pensei muito nisso, mas o meu operador de câmara divertiu-se a falar sobre a nossa «química» durante todo o caminho de regresso ao carro. Naquela noite, quando o Paul me telefonou, senti-me como uma estudante do liceu. Conversámos e foi tudo muito natural, como se já nos conhecêssemos há muito tempo. Ele disse-me que na semana seguinte tinha de ir a uma cerimónia de entrega de prémios literários e que não tinha companhia. Perguntou-me se estaria disponível para o acompanhar e eu estava. Durante a cerimónia, ficámos na mesa da E. B. Knight, e foi como jantar com uma lenda e ter um primeiro encontro memorável. Ela era encantadora, inteligente e espirituosa. Desde que soube que ela tinha sido convidada que ansiava por poder estar de novo com ela.

— Que bom vê-la — digo, enquanto a produtora a conduz para o estúdio.

— É um gosto — responde, ao sentar-se. Nem um vislumbre de reconhecimento; como é fácil as pessoas esquecerem-me.

A sua famosa franja branca emoldura o rosto pequeno e octogenário. Está impecável, até as rugas parecem cuidadas com esmero. É suave nas feições, mas tem uma mente ágil e rápida. As maçãs do rosto exibem um rosa por causa do *blush* e os seus olhos azuis, sábios e atentos, percorrem o estúdio antes de se fixarem no alvo. Ela sorri para a Madeline de forma calorosa, como se estivesse a conhecer um ídolo. Às vezes, os convidados fazem isso. Na verdade, não me incomoda.

No fim do programa, toda a gente se dirige para a sala de reuniões, para a análise. Sentamo-nos, à espera da Madeline, e o espaço fica em silêncio quando ela entra, finalmente. O Matthew começa a falar sobre as histórias — o que funcionou bem, o que não funcionou assim tão bem. A Madeline tem uma expressão de desagrado, a sua boca tem um aspeto tão retorcido que parece que ela está a desembrulhar rebuçados

com o rabo. Ficamos todos calados e eu deixo a minha mente vaguear, mais uma vez.

Brilha, brilha, estrelinha...

A Madeline intervém com uma expressão severa.

Quero ver-te a brilhar.

Ela solta um suspiro de impaciência e revira os olhos.

Lá no alto, lá no céu...

Quando a Madeline esgota as críticas subentendidas, a equipa levanta-se e começa a sair em fila.

...a estrelinha que nasceu.

— Amber, podemos falar? — diz o Matthew, arrancando-me do meu devaneio. Pelo tom, não devo ter opção. Ele fecha a porta da sala de reuniões e eu volto a sentar-me, enquanto tento encontrar pistas no seu rosto. Como sempre, é impossível decifrá-lo, uma ausência total de emoção; se a mãe morresse, ninguém perceberia. Ele tira uma bolacha do prato que deixamos para os convidados e faz-me sinal para fazer o mesmo. Abano a cabeça. Quando o Matthew quer chegar a um ponto, opta sempre pelo caminho mais longo. Tenta sorrir, mas desiste rapidamente e dá uma dentada na bolacha. Algumas migalhas ficam presas nos seus lábios finos, que se abrem e fecham como os de um peixe dourado, enquanto ele luta para encontrar as palavras certas.

— Bom, posso fazer conversa de circunstância, perguntar como estás, fingir que me interessa, tudo isso, ou posso ir direto ao assunto — diz ele. Um nó de inquietação forma-se no meu estômago.

— Diz — respondo, embora deseje que não o faça.

— Como estão agora as coisas entre ti e a Madeline? — pergunta ele, antes de dar outra dentada na bolacha.

— Como sempre, ela odeia-me — respondo, precipitando-me. Agora, é a minha vez de forçar um sorriso, que pretendo descartar o mais rapidamente possível.

— Sim, é verdade, e isso é um problema — diz o Matthew. Não deveria ficar surpreendida, mas fico. — Sei que ela não te facilitou a vida quando entraste para a equipa, mas também foi difícil para ela habituar-se a ter-te por perto. Esta tensão entre vocês não parece estar a melhorar. Podes achar que ninguém repara, mas reparam. A química

entre as duas é mesmo importante para o programa e para o resto da equipa. — Fica a olhar para mim, à espera de uma resposta que não sei dar. — Achas que consegues melhorar a tua relação com ela?

— Bem, acho que posso tentar...

— Ótimo. Não tinha noção de como esta situação estava a incomodá-la, até hoje. Ela lançou-me uma espécie de ultimato. — Ele faz uma pausa e aclara a garganta, antes de continuar. — Quer que eu te substitua.

Espero que desenvolva mais um pouco, mas ele não o faz. As palavras ficam a pairar na distância que nos separa, durante os instantes em que tento digeri-las.

— Estás a despedir-me?

— Não! — protesta, mas o seu rosto diz outra coisa, enquanto considera o que acrescentar. Ele junta as mãos à altura do peito, com as palmas voltadas uma para a outra e as pontas dos dedos a tocarem-se, formando uma torre cor de pele ou uma oração sem convicção. — Ou melhor, ainda não. Tens até o fim do ano para mudares a situação. Lamento que tudo isto tenha surgido mesmo antes do Natal, Amber. — Ele descruza as pernas compridas, como se estivesse a fazer um grande esforço, e recua o corpo o mais possível na cadeira, afastando-se de mim. A sua boca fica retorcida como se tivesse acabado de provar qualquer coisa profundamente desagradável, enquanto espera pela minha reação. Não sei o que dizer. Às vezes, acho que o melhor é não dizer nada, o silêncio não pode ser mal interpretado. — És excelente, adoramos-te, mas tens de perceber que a Madeline é o *Coffee Morning*, está a apresentá-lo há vinte anos. Lamento, mas se tiver de escolher entre as duas, tenho as mãos atadas.